

Os prédios públicos são aliados do fogo no DF

PAULO FONA

BRASÍLIA — O problema agrário brasileiro não é explosivo apenas no campo. No setor bancário norte, em Brasília, o Palácio da Agricultura abriga o Ministério da Reforma Agrária com enorme potencial de fogo. "É a repartição pública mais crítica da cidade", resume o tenente-coronel Edmilson Fonseca, relações públicas do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. Com 12 andares, o Palácio da Agricultura é o prédio público mais vulnerável ao fogo em Brasília.

Não dispõe de nenhum sistema preventivo contra incêndio. Não tem escada de emergência, os elevadores apresentam seguidos defeitos e a passagem para o terraço do prédio está bloqueada.

Os extintores são velhos e não há equipe preparada para combater o fogo.

Mas o Palácio da Agricultura não é o único da cidade que preocupa o Corpo de Bombeiros. O comandante-geral da corporação, coronel José Roberto Megale, possui em sua gaveta um completo dossiê sobre os pontos críticos da capital da República, onde está localizada maioria das repartições públicas federais.

"É um charuto e uma chaminé." Assim Megale define o edifício-sede da Caixa Econômica Federal, que semana passada passou a hospedar o ministro Prisco Vianna, desalojado do Ministério da Habitação e Urbanismo, que virou esqueleto depois do incêndio no mês passado. Se pegar fogo, o "Brissolier" de concreto que emoldura a parte externa do prédio cilíndrico de 22 andares expelirá fumaça por todos os lados canalizando oxigênio e isso realimentará o fogo.

Precariedade de equipamentos, dificuldade de acesso, espelhos d'água que embelezam mas atrapalham, material combustível, vidros em excesso e acúmulo de documentos compõem o perfil dos ministérios, autarquias e empresas estatais. O setor bancário sul, outro ponto crítico, está sobre uma laje que não suporta as toneladas dos caminhões de socorro. Nele, estão o edifício-sede do Banco do Brasil, com 26 andares, que possui apenas uma escada de incêndio, inadequada e insuficiente para escoar as cinco mil pessoas que passam por lá diariamente.

Na companhia dele, o prédio do Banco de Brasília, de 18 andares, isolará quem estiver dentro dele porque a laje que o cerca impede a aproximação necessária de uma escada magirus, por exemplo. O Corpo de Bombeiros, no setor bancário sul, só atuaria usando veículos pequenos como "Veraneio". Os demais carros, de 20 a 30 toneladas, ficarão a uma distância muito longa para o controle de um grande incêndio.

A arquitetura em Brasília também atrapalha o trabalho dos bombeiros. Os espelhos d'água dos suntuosos Ministérios da Justiça e das Relações Exteriores e do Congresso Nacional criam uma barreira intransponível entre os carros dos bombeiros e o prédio. Somente o do Congresso Nacional adaptou-se à necessidade de dar maior segurança a seus 15 mil frequentadores diários (leia box), nos dois ministérios. A solução encontrada para amenizar os riscos foi criar saídas nas quatro laterais do edifício. "Mesmo assim o espelho d'água atrapalha", queixa-se o comandante Megale.

A primeira vítima dessa suntuosidade foi o Ministério da Habitação e Urbanismo. Sem paredes de concreto, com divisórias, tapetes, carpetes e cortinas, o prédio de seis andares não demorou 20 minutos para ser destruído.

E, a qualquer momento, pode lhe fazer companhia o prédio do Banco Central. Com arquitetura requintada, que permite a leitura do logotipo do banco para quem o vir de um avião, o edifício-sede do banco é todo de divisórias e de vidros, que facilitam a propagação do fogo. "O BC é um dos que mais nos preocupa", enfatiza o comandante Megale.



Izabel Cristina/AE

Sede da Caixa Econômica: "charuto com chaminé"